

# GUIA DE REFERÊNCIA PARA A REALIZAÇÃO DE OFICINAS

Acompanhar adolescentes em suas movências:  
corpo, produção de subjetividade e processos  
formativos



Caroline Lucas de Moraes

## **GUIA DE REFERÊNCIA PARA A REALIZAÇÃO DE OFICINAS**

Produto, processo e/ou ação técnico-social apresentado à Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Programa de Mestrado Profissional  
Terapia Ocupacional e Processos de  
Inclusão Social

Área de concentração: Terapia  
Ocupacional, Contextos Comunitários e  
Inclusão Social.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Elizabeth Maria  
Freire de Araújo Lima

São Paulo  
2024

Universidade de São Paulo

Faculdade de Medicina

Mestrado Profissional Terapia Ocupacional e  
Processos de Inclusão Social

**Elaboração:**

Caroline Lucas de Moraes

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Elizabeth Maria Freire de Araújo Lima

**Diagramação:**

Cristian Guedes

**Fotos e arte:**

Acervo Canva

Acervo pessoal Caroline Moraes

Cristian Guedes

Raique Moura (@raiquemoura)

Site Laboratório do Processo Formativo

Getty Images Signature



# Sumario

<b>Apresentação.....</b>	<b>04</b>
<b>Introdução.....</b>	<b>05</b>
<b>Conceitos envolvidos no produto técnico-social</b>	
<b>Produção de subjetividade.....</b>	<b>08</b>
<b>Gênero e sexualidade.....</b>	<b>11</b>
<b>Corpo e Processo Formativo.....</b>	<b>15</b>
<b>Objetivo e metodologia.....</b>	<b>18</b>
<b>Desenvolvimento</b>	
<b>Oficina 1.....</b>	<b>21</b>
<b>Oficina 2.....</b>	<b>22</b>
<b>Oficina 3.....</b>	<b>23</b>
<b>Sugestões sobre utilização.....</b>	<b>24</b>
<b>Abrangência.....</b>	<b>24</b>
<b>Limites da aplicabilidade.....</b>	<b>24</b>
<b>Disponibilização.....</b>	<b>24</b>
<b>Referências bibliográficas.....</b>	<b>25</b>

# Apresentação

Esse produto, processo e/ou ação técnico-social apresenta um Guia de Referência para a realização de três oficinas sobre cuidado de adolescentes em saúde mental e foi elaborado a partir da pesquisa intitulada **“Cartografias do devir-adolescente: co-corporando experimentações de memória e reencontro”** que foi apresentada ao Programa de Mestrado Profissional Terapia Ocupacional e Processos de Inclusão Social da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). A cartografia do trabalho de terapia ocupacional desenvolvido em um Grupo para adolescentes em um **CAPS II Infantojuvenil**, realizada junto com os jovens que participaram da experiência seis anos após seu encerramento, permitiu elencar temas e procedimentos importantes de serem discutidos por profissionais que acompanham adolescentes em suas trajetórias singulares e suas mutações subjetivas e corporais.

**A oficina se destina a profissionais de saúde, cultura, assistência social, educação e esportes e pretende propor uma reflexão sobre o período da adolescência e os impasses que envolvem estar ao lado de pessoas nesta fase da vida e acompanhá-las dando sustentação à descoberta de um caminho próprio de amadurecimento para que a vida possa prosseguir.**

As atividades, leituras e discussões propostas visam aspectos de uma abordagem ética-estética-política do cuidado a adolescentes, envolvendo os seguintes temas: **adolescência como devir, cuidado e produção de subjetividade; o corpo em mutação, gênero e a sexualidade; corpo e processo formativo.**

**A proposta baseia-se na realização de três encontros, compostos por momentos de leitura, debates teóricos mediados, discussões de situações-problema e dinâmicas grupais e/ou corporais que permitam abordar as questões a partir da experiência dos participantes.**

Esta proposta de oficinas constitui-se em uma maneira de tornar público elementos e discussões que esse estudo no campo de saber da terapia ocupacional fez ver, possibilitando o compartilhamento de pistas que o trabalho com os jovens participantes da pesquisa convidou a seguir, e é também um convite para que os profissionais construam, a partir de suas experiências e das trocas nas oficinas, suas próprias pistas.

# Introdução

Seguindo o fio do complexo emaranhado de pistas, para uma clínica com os jovens e adolescentes, que emergiu da pesquisa **“Cartografias do devir-adolescente: co-corpando experimentações de memória e re-encontro”**, evidenciou-se a reflexão acerca da formação de profissionais que serão cuidadores desta população, acompanhantes de suas vidas em momento de tanta movência, impulsionadores de processos criativos, propulsores de produção de subjetividade, mediadores de trocas simbólicas e facilitadores do contato com a realidade, consigo e com o outro.

**Nos interessa abrir espaço e tempo para estarmos constantemente produzindo novas subjetividades, criando espaços potenciais nos quais todos que estão em contato com essa atmosfera fértil têm o poder de fazer escolhas, criar, conduzir, corpar, subverter, amadurecer e, em devir-adolescente, apostar em desviar dos moldes de vida hegemônicos e assujeitamento dos corpos. Produzir, de fato, processos de pertencimento social, cultural e econômico através de novas subjetividades nascidas dessa relação.**



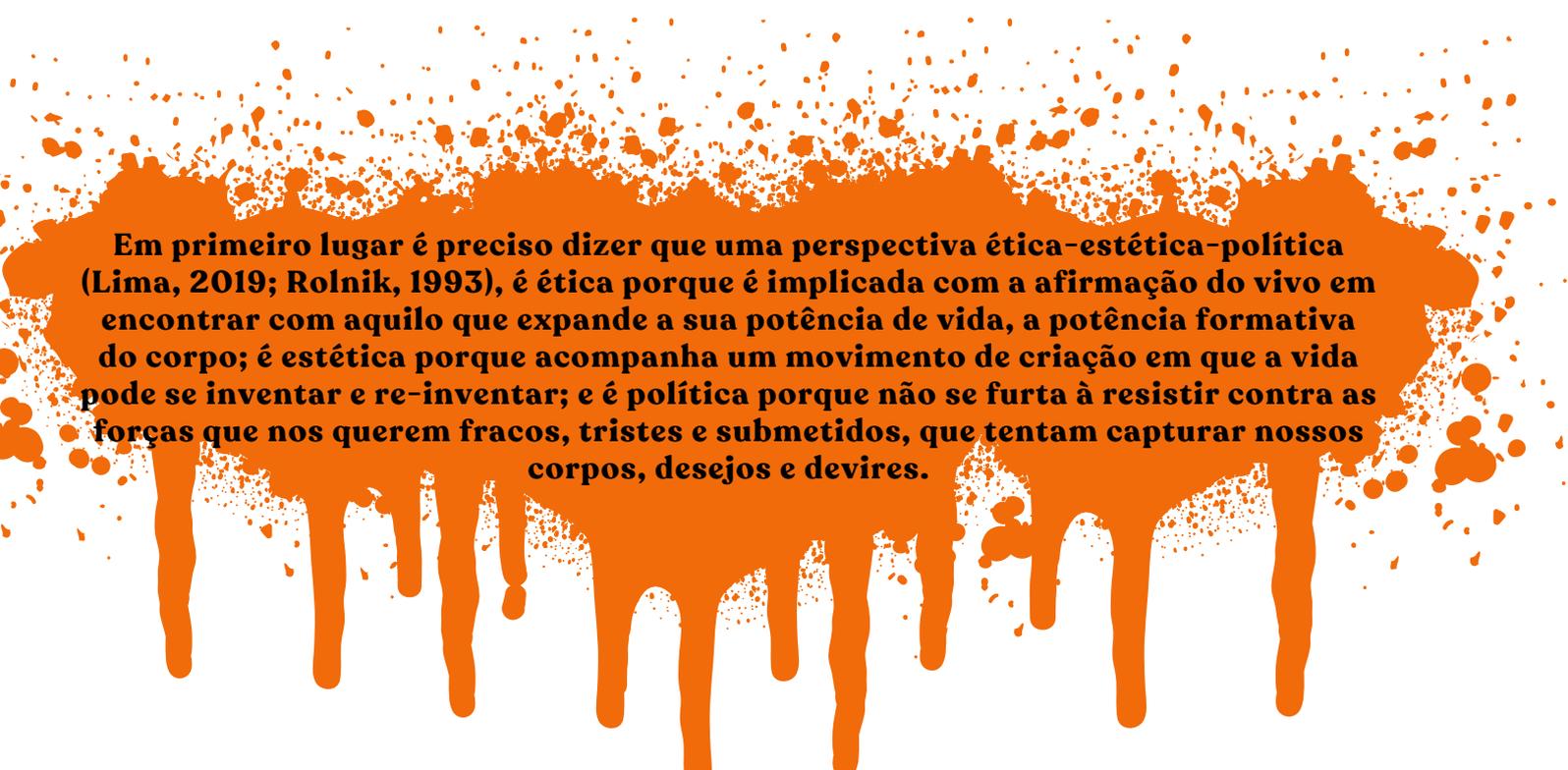
Pensar em processos formativos de si capazes de ganhar outros espaços sociais, de transbordar para além do espaço institucional, formando assim, um foco de resistência e de transformação. Ações construídas coletivamente e no território para **“prevenir violências, incentivar o exercício da cidadania, fortalecer expressões culturais das juventudes, estimular práticas de promoção da saúde, criar processos de enfrentamento das vulnerabilidades e diminuir iniquidades”** (David et. al., 2015, p.508).

Essa discussão da formação profissional vai ao encontro também, daquilo que chamamos de capacitação reflexiva, ou seja, **as e os profissionais que se encontram no papel social de formadores e/ou cuidadores devem estar em constante processo de reciclagem, em contato com a aprendizagem de novas formas de fazer, isto é, em formação e em transformação contínua e nutritiva**. Neste caso, a formação profissional seria um estímulo à capacidade reflexiva em relação às próprias práticas e atuações.

“Esse processo reflexivo associa-se às formas como os e as profissionais vão se construindo e, como são instigados a questionar seus métodos, para tornarem-se capazes de atuar de forma espontânea e criativa” (Campos, 2009, p.104).

Buscando uma formação como prática política a fim de promover transformações na contramão da produção hegemônica de subjetividade, o que se propõe é um estímulo à capacidade reflexiva de cada profissional em relação a suas práticas e atuações, através da imantação de uma certa perspectiva que traz intrínseca, uma forma de ver, sentir e viver o aprendizado, as relações sociais, os vínculos, o estar no mundo. Diante de uma postura política envolvida de forma resistente ao modo de vida que assujeita corpos e submete subjetividades a uma homogeneização massiva, a formação profissional proposta aqui visa contribuir para a abertura de passagens, de fendas, de respiros e rupturas com a subjetividade massificada, reapropriando redes de vida.

A abordagem ética-estética-política do acompanhamento de adolescentes que sustenta a proposta dessas oficinas, envolve os seguintes conceitos: **produção de subjetividade; gênero e sexualidade; corpo e processo formativo.**



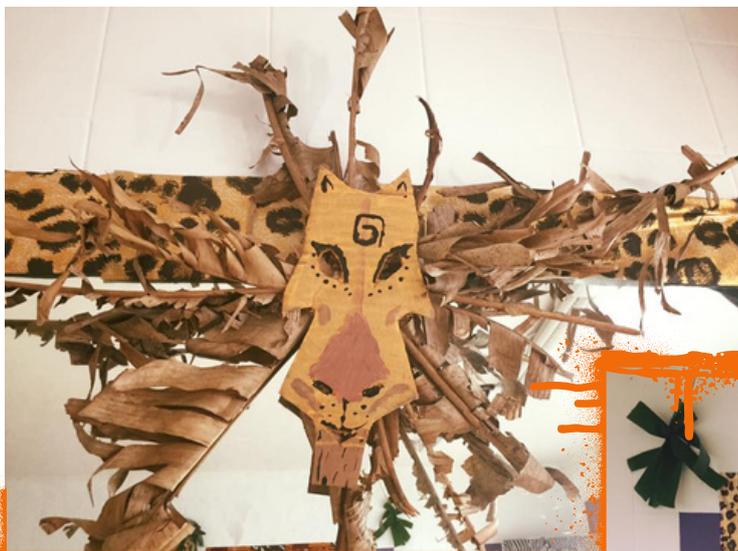
**Em primeiro lugar é preciso dizer que uma perspectiva ética-estética-política (Lima, 2019; Rolnik, 1993), é ética porque é implicada com a afirmação do vivo em encontrar com aquilo que expande a sua potência de vida, a potência formativa do corpo; é estética porque acompanha um movimento de criação em que a vida pode se inventar e re-inventar; e é política porque não se furta à resistir contra as forças que nos querem fracos, tristes e submetidos, que tentam capturar nossos corpos, desejos e devires.**

# **Conceitos envolvidos no produto técnico-social**



## **1. Produção de subjetividade**

Nesta abordagem, a subjetividade está em pulso, em movimento, em construção. Ela não é um estado, mas um processo de produção de territórios existenciais do qual diferentes vetores de existencialização participam. Há em cada sujeito um território em construção, o que possibilita um sentimento de si que se faz e refaz através da experiência e da ressignificação das marcas vividas.



Para Félix Guattari, 1992, a subjetividade é

**o conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial, autoreferencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva.**

**(Guattari, 1992, p.19)**

Liberman enfatiza que não existe um sujeito previamente constituído, que entra em relação, mas o sujeito é, ao mesmo tempo, “já dado e por fazer” (Liberman, 1998, p.16), a partir dos encontros que vão se dando no percurso de um corpo em seu contato com o mundo.

No trabalho com adolescentes e jovens essas questões ganham um colorido particular. Momento por excelência de desterritorialização, a adolescência poderia ser pensada, ela mesma, como um devir: devir-adolescente. Neste sentido, no trabalho com adolescentes se trata de acompanhar os deslocamentos e as novas figuras que vão surgindo e ao mesmo tempo possibilitar a presença de uma sensação de continuidade, a sustentação de um ritmo próprio que cria a confiança.

Assim, entendendo subjetividade em sua autopoiese como algo que se constrói nas relações e nos cuidados, grupos de adolescentes, com seu ambiente de acolhimento e diferenciação, podem atuar como dispositivos fundamentais para a produção de um sentimento de continuidade e, ao mesmo tempo, de novas formas de ser, de sentir e de viver, potencializando a capacidade de experimentação da diferença a partir da participação.



Foto: Divulgação/<https://www.imagemdailha.com.br/blog/oficina-de-grafite-reune-jovens-em-sao-jose.html>

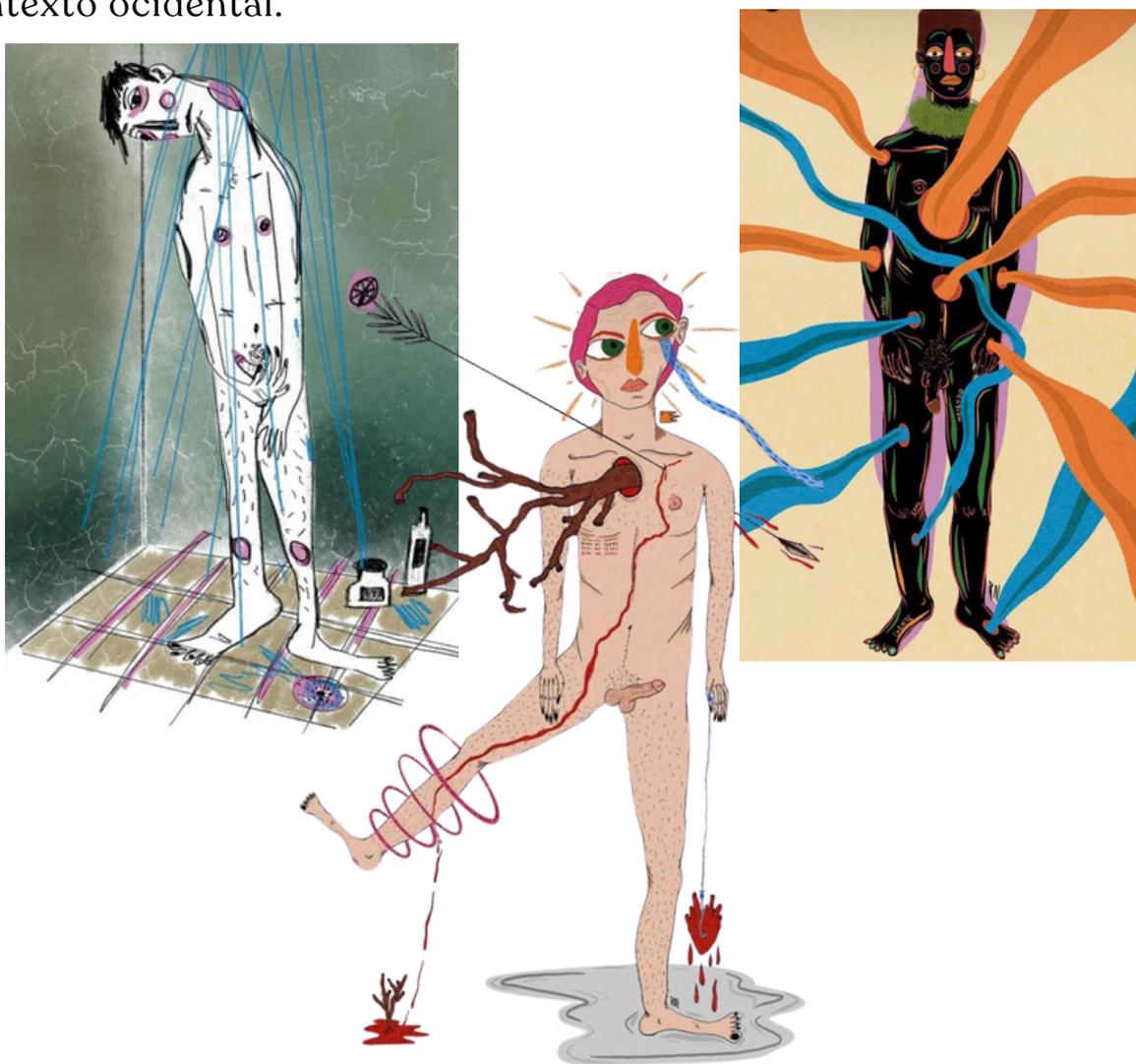
# **Conceitos envolvidos no produto técnico-social**



## **2. Gênero e sexualidade**

O tema da sexualidade se faz comum e muito presente quando se pensa sobre o momento de transição da adolescência. Isso porque, é neste momento biológico e sociocultural, que o corpo adolescente passa por transformações físicas, hormonais, psicológicas, sociais, culturais, etc. Uma vez que a possibilidade de viver e experimentar novos modos de si e de encontro com o outro se faz imperativa neste momento da vida, a intensificação deste tema no cotidiano dos adolescentes se faz frequente. Lima et al. (2009) enfatizam a adolescência como um período de intensas transformações, onde a sexualidade ocupa um papel central na constituição subjetiva.

Segundo Michel Foucault, em "História da Sexualidade," **a sexualidade é uma construção histórica e discursiva, fortemente regulada por normas sociais e instituições.** Ele argumenta que a sexualidade não é apenas um aspecto biológico, mas também um campo de batalha onde o poder e o conhecimento se entrelaçam. Foucault (1998) investiga como práticas e discursos sobre a sexualidade foram usados para exercer controle sobre os corpos e as vidas das pessoas, especialmente no contexto ocidental.



desenhos feitos por @raiquemoura

Desdobrando a proposição foucaultiana, Judith Butler (2003) em "Problemas de Gênero" argumenta que **o gênero é uma construção social performativa, que não se restringe a uma essência ou identidade fixa e é constantemente recriada através de ações e discursos**. Ela propõe que a identidade sexual é uma performance que se repete ao longo do tempo, e essa repetição é o que dá a aparência de estabilidade e naturalidade e, sugere que a sexualidade pode ser compreendida como uma série de ações e performances que desafiam as normas tradicionais (heterossexuais, cisgêneras, dicotômicas).

Em "Corpos que Importam" Judith Butler (2020) segue problematizando a normatização dos corpos e o papel do discurso na definição do que é aceitável ou não em termos de sexualidade e gênero. **Já que a sexualidade é construída e regulada por meio de discursos e práticas sociais, ela argumenta que o conceito de "sexo" é profundamente influenciado pela hegemonia heterossexual e que os corpos são materializados como "sexuados" dentro de certas limitações culturais e políticas**. Ela também destaca que o que chamamos de "sexo" é, na verdade, uma construção cultural que emerge a partir de "práticas de gênero" desafiando, com isso, a dicotomia tradicional entre sexo e gênero e, propondo assim, que ambos são construídos social e historicamente.

Paul B. Preciado (2014) em "Manifesto Contrassexual" **questiona as estruturas de poder que regulam o sexo e o gênero e sugere uma subversão das identidades fixas e das normas rígidas sobre sexualidade, que permitiria o surgimento de novos modos de subjetivação, algo que Preciado destaca como crucial para a emancipação das identidades sexuais**. Ele defende uma liberdade radical dos corpos, pondo abaixo as noções estereotipadas de sexo, gênero e desejo e propõe a contrassexualidade como uma estratégia de resistência ao poder.



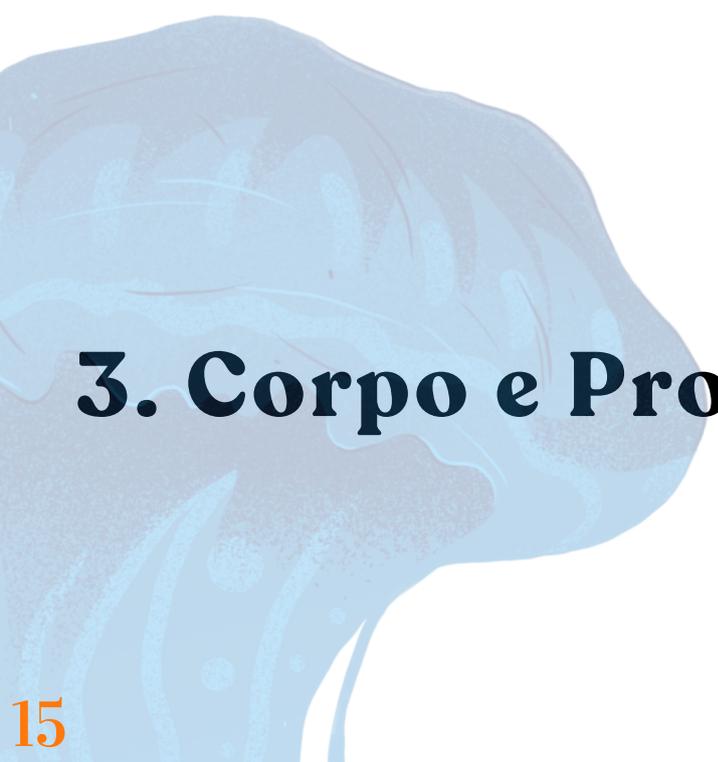
Diálogos em grupos de adolescentes sobre questões relacionadas à sexualidade, não buscam discutir apenas orientação sexual, identidade de gênero ou práticas sexuais.

**Eles podem envolver uma dimensão mais profunda de exploração de como os sujeitos se posicionam em relação a normas sociais e de como lidam com as tensões entre o seu desejo e as expectativas coletivas. Resistir a uma construção social rígida e que exerce um papel fundamental de cerceamento na liberdade, pode ser uma pista preciosa para acompanhar adolescentes, sustentando que as construções normativas podem ser desfeitas e ressignificadas, abrindo caminho para processos de subjetivação.**

# **Conceitos envolvidos no produto técnico-social**



## **3. Corpo e Processo Formativo**



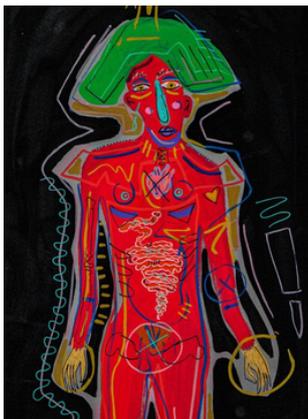
Trabalhamos aqui com a concepção de Regina Favre que compreende o corpo em sua dimensão biológica e evolutiva sem perder de vista a dimensão do ambiente, ou seja,

corpos mostram, todo o tempo, que são feitos de forças biológicas e experiências de vida estruturadas como carne. Músculos e ossos nos particularizam e nos fazem existir como um corpo sólido e reconhecível, as vísceras processam o ambiente na nossa profundidade secreta, nos propiciando condições de prosseguir (Favre, 2024, [p.5]).

Regina Favre entende o corpo como processo contínuo de autopoiese para prosseguir em conexão consigo, com o ambiente e com seu devir. **Corpos na multidão, sendo parte da biosfera, se auto-regulam para sustentar o pertencimento e potencializar os vínculos que ensejam a continuidade de seu processo formativo.** Poder construir uma intervenção que partilha deste aprendizado, exige, invariavelmente, construir questionamentos e problematizações acerca do corpo, a trajetória formativa que o trouxe até o presente momento, como ele faz o que faz e o que ele pode. Compreendido como "máquina de estar no acontecimento" (Favre, 2014 [frame 12]), o corpo afeta e é afetado. No acompanhamento desse processo, um corpo mais formado pode sustentar o aprendizado de um corpo menos formado e ativar recursos que aumentem sua potência formativa neste encontro vincular, sempre em direção a mais agregação e conectividade. Experimenta-se, assim, a possibilidade de cada um vivenciar o corpo que se é e "gerar os comportamentos necessários para sustentar [sua] conexão com redes, próximas e distantes" (Favre, 2024, [p.6]). Num convite dessa qualidade,

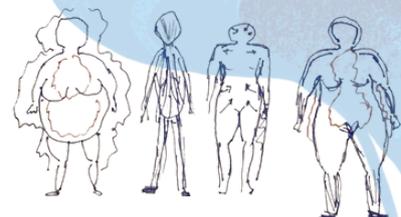
é preciso tirar os sapatos, é preciso deitarmo-nos no chão, é preciso entrarmos na imaginação, nas histórias, no pensamento, nas palavras, no humor, no pensamento, nas palavras, no humor, no pensamento, na relação com os outros. (Mantero, 1998, p.3)

Ainda em diálogo com o Processo Formativo, consideramos importante afirmar o corpo como dispositivo para transformação, para engendramento de novos possíveis, para dar passagem à criação e produzir movimentos de resistência. As sutilezas das experimentações



desenho feito por @raiquemoura

corporais abrem brechas para uma transformação e traz intrínseca uma potência formativa de afirmação e produção de vida capaz de significar e re-significar subjetividades, afetos, vivências e experiências.



No acompanhamento de adolescentes, propõem-se aqui abordar o corpo em sua condição de afetar e ser afetado pelas forças do mundo (afectibilidade), no encontro com a alteridade que o atinge, na multidão de estímulos e excitações que lhe cabe selecionar, evitar, escolher, acolher. A proposta é buscar construir o amadurecimento de um corpo a partir da variabilidade de suas possibilidades frente aos acontecimentos, e não de sua submissão a um padrão rígido e repetitivo que sempre impõe a mesma resposta. É pela variabilidade das formas que um corpo pode expressar seu sofrimento e quanto mais amadurecido um corpo é, maior são as possibilidades de respostas conectivas, agregadas e colaborativas com o ambiente.

Descobrir, acolher e oferecer maior grau de diferenciação é parte do acompanhamento de adolescentes que pretende compreender como cada corpo faz o que faz. Acompanhar, muitas vezes, sofrimentos agudos e severos, e co-corpar com a movência constante do devir-adolescente, é ter balançadas as certezas, laceradas as formas, multiplicados os sentidos. Trata-se de ampliar as conectividades possíveis; aumentar o grau de agregação de um corpo; tornar o excessivo, assimilável; sustentar e investir na potência formativa e nos vínculos confiáveis; criando e re-criando, fazendo, des-fazendo e re-fazendo laços e redes sociais nos espaços possíveis.

Formar-se permanentemente é uma experiência pessoal e universal, tendência de tudo que é vivo. As formas brotam, florescem, murcham e morrem em um contínuo formar e desmanchar. A cada desmanchamento de forma, vivemos a morte de um modo de funcionamento e conexão com o mundo (Keleman, 1997 apud Mecca; Liberman, 2024, p.13)

**Portanto, para acompanhar corpos jovens em seu desmanchamento e seu florescer é preciso engendrar um ambiente confiável que possa dar sustentação ao tempo formativo de cada um e à construção de novos lugares no mundo. É preciso, ainda, envolver-se na criação de estratégias possíveis para a invenção de outras corporeidades, a multiplicação de formas, a experimentação hesitante e sempre incerta, inconclusa e sem promessa de reversão do poder sobre a vida em potência de vida, do biopoder em biopotência.**



# **Objetivo e metodologia**

## Objetivo

As oficinas se destinam a profissionais de saúde, cultura, educação, assistência social, esportes e pretendem propor uma reflexão sobre o período da adolescência e os impasses que envolvem estar ao lado de pessoas nesta fase da vida e acompanhá-las dando sustentação à descoberta de um caminho próprio de amadurecimento para que a vida possa prosseguir. As atividades, leituras e discussões propostas visam aspectos de uma abordagem ética-estética-política do cuidado a adolescentes, envolvendo os seguintes temas: adolescência como devir, cuidado e produção de subjetividade; o corpo em mutação, gênero e sexualidade; corpo e processo formativo.

## Metodologia

As oficinas de capacitação propostas consistem em três encontros que foram desenvolvidos para possibilitar a discussão sobre o acompanhamento das juventudes e suas singularidades. Elas foram pensadas para que possam ser desenvolvidas em diferentes contextos como serviços de saúde, escolas, serviços de assistência social, espaços de arte, cultura e esportes e, também, para que seja possível desdobramentos e reverberações a partir delas. São necessárias poucas horas em sua realização, podendo ser feitos três encontros de 2 horas de duração e divididos em diferentes dias. Também foi pensado para que não se necessite de muitos materiais para realizá-los. **Recomenda-se que as oficinas tenham entre 10 e 30 participantes.**

As oficinas buscam que os participantes tenham papel ativo em seu aprendizado e na aprendizagem por meio de metodologias ativas. Segundo Diesel (2017), **o coordenador tem a função de auxiliar os participantes, facilitando e mediando os processos de construção de conhecimento.** Este conhecimento, por sua vez, é construído de forma colaborativa, na interação entre os participantes, o coordenador e o contexto.

Pensadas a partir do campo de saber e práticas da terapia ocupacional, as oficinas propõem atividades: de elaboração de produções gráficas colaborativas em papel, em quadros, em painéis; de compartilhamento de experiências; de discussão de temas e ideias; de reflexão em grupo e de trabalho corporal.



# Desenvolvimento



**As oficinas são instrumentos utilizados como uma metodologia ativa de aprendizado. A proposta de realização de três oficinas será descrita a seguir. É importante ressaltar que, para a aplicação das oficinas, deve-se considerar seu contexto e território, sendo possível realizar adaptações.**

## Oficina 1 - Adolescência como devir, cuidado e produção de subjetividade

**Objetivos do dia:** Discutir o devir-adolescente a partir das memórias dos próprios participantes acerca de suas adolescências, destacar o caráter de movência deste período e sensibilizar para a ideia de processo subjetivo enfatizando o compromisso ético-estético-político de nossos fazeres de cuidados e clínicos.

**Material:** Papéis recortados em diferentes tamanhos e pequenos, canetas, papel craft, flip chart, lousa ou mural para escrever.

**Atividade 01:** Dispor de uma lousa, mural, flip chart ou papel craft e pedir aos participantes que escrevam uma palavra que lhes vem à cabeça quando pensam em adolescência.

**Apresentação dos participantes:** Pedir aos participantes que se apresentem a partir de uma breve memória marcante de sua adolescência, seguido de seu nome.

**Atividade 02:** Distribuir pequenos pedaços de papel e pedir aos participantes que escrevam singelos bilhetes anônimos para os adolescentes que foram ou para outros que compartilharam suas memórias na Atividade 01.

**Atividade 03:** Recolher os bilhetes anônimos e, aleatoriamente, lê-los para o grupo, iniciando discussão acerca da produção de subjetividade na fase da adolescência e problematizando como acompanhar tal momento de movência.

**Para encerrar:** Convidar os participantes a voltarem para a lousa, mural, flip chart ou papel craft para, novamente, escreverem palavras, frases e desenhos sobre adolescência. Momento para leitura e apreciação coletiva e posterior conversa sobre os efeitos da oficina.



## Oficina 2 - Corpo em mutação, gênero e sexualidade

**Objetivos do dia:** Discutir sobre a construção da sexualidade em corpos que estão se transformando aceleradamente e problematizar quais recursos e ferramentas se têm (singular e coletivamente/institucionalmente) para acolher esse tema e manejá-lo afirmando diferenças e liberdade.

**Material:** Papel craft, flip chart, lousa ou mural para escrever e canetas. Material impresso: "Guia de referência para a realização de oficinas de capacitação em direitos de pessoas trans" (Murasaki, 2024) e "Lixo e Gênero, Mijar/Cagar, Masculino/Feminino" (Preciado, 2019).

**Apresentação dos participantes:** Pedir aos participantes que se apresentem a partir da resposta às perguntas (Qual sua orientação sexual? Qual sua identidade de gênero?), seguido de seu nome.

Possivelmente, durante a apresentação, explicar a diferença entre orientação sexual e identidade de gênero, senão, fazê-lo em seguida da apresentação. Enumerar também os tipos de identidades de gênero e orientações sexuais. Utilizar aqui o material impresso "Guia de referência para a realização de oficinas de capacitação em direitos de pessoas trans" (Murasaki, 2024) como fonte de conhecimento do tema.

**Atividade 01:** Distribuir pequenos pedaços de papel para que perguntas e dúvidas possam ser escritas de forma anônima e entregues à coordenação. Dividir os participantes em grupos de 3 a 5 pessoas; cada grupo vai discutir sobre a provocação sorteada que poderão ser perguntas, casos emblemáticos, exemplos, etc na temática da sexualidade. Brevemente, cada grupo compartilha o que discutiu e como foi a discussão, ressaltando como seus próprios corpos reagiram ao tema do grupo.

**Atividade 02:** Pedir aos participantes que fechem seus olhos enquanto a coordenação lê o texto aqui sugerido de Paul B. Preciado (2019) e faz comentários sobre ele. Orientar que os participantes fiquem atentos a como seus corpos reagem às palavras. Posteriormente, abrir espaço para que os participantes se expressem graficamente em papel kraft, flip chart, lousa ou mural e também verbalmente, cartografando afetações que apontam temas sensíveis que serão aprofundados no coletivo.

**Para encerrar:** Convidar os participantes a voltarem para a lousa, flip chart, mural ou papel craft para, novamente, escreverem palavras, frases e desenhos sobre corpo e sexualidade. Momento para lermos juntos e conversarmos sobre os efeitos da oficina.



## Oficina 3 - Corpo e Processo Formativo

**Objetivos do dia:** Apresentar o corpo como importante recurso de intervenção para o cuidado e prática clínica a partir de experimentações corporais e exercícios formativos.

**Material:** Papel sulfite, canetas coloridas, lápis de cor. Material audiovisual intitulado "Embodiment in Buenos Aires" de Regina Favre (2014). Texto impresso: "O corpo hoje e sempre" de Regina Favre (2024).

**Atividade 01:** Pedir aos participantes que fiquem em pé (se possível descalços) e percebam seus corpos, sua respiração, seu pulso. Pedir que caminhem pelo espaço atentos ao próprio corpo buscando sustentar o pulso que mais lhe for confortável. Manter esse pulso experimentando diferentes direções de caminhar (para frente, para trás e para os lados). Acrescentar camada de conexão pedindo que, ao caminharem, os participantes preencham todo o espaço de modo homogêneo, como que mantendo uma bandeja equilibrada com copos em cima, no caso, o chão é a bandeja e os corpos são os copos. Parar em alguns momentos do exercício para que todos percebam a si, ao outro e ao espaço. Encerrar o exercício e, ainda em pé, perceber novamente os corpos, sua respiração e seu pulso.

**Atividade 02:** Pedir aos participantes que desenhem um somagrama<sup>1</sup> (Favre, 2023). Abrir um momento de compartilhamento e discussão. Começar a cartografia de si em presença.

**Atividade 03:** Exibir, se possível, o vídeo "Embodiment in Buenos Aires" e ler o texto "O corpo hoje e sempre", ambos de Regina Favre. Abrir discussão sobre o como fazemos o que fazemos.

**Atividade 04:** Problematizar o corpo que somos e como interferir intencionalmente em outros corpos a partir do compartilhamento de exemplos e casos emblemáticos. Nesta discussão, não apenas usar o recurso verbal, mas convidar os participantes a imitarem e co-corporem com quem estiver realizando um solo.

**Para encerrar:** Retomar a postura ereta e, com os olhos fechados, passar um raio-X pelo corpo conduzido verbalmente pela coordenação. Realizar pequenos ajustes sobre a própria forma e perceber os efeitos da oficina sobre os corpos. Se possível, fazer um café de encerramento e de confraternização.

1- "O somagrama é uma representação gráfica de um dos mil modos de funcionamento de um corpo para ser quem é e estar no mundo. O somagrama é descritivo e experiencial. Sua chave é o COMO, como você faz o que faz" (Favre, R. 2023, [p. 2]).



## Sugestões sobre utilização

Estas oficinas oferecem pistas de recursos a serem experimentados e compartilhados por profissionais que trabalham com as juventudes, abrangendo importantes temas para essa fase de movência da vida. Elas podem ser aplicadas com profissionais da rede de atenção à saúde, da assistência social, da arte e cultura, da educação, dos esportes e em locais que necessitem falar sobre essa temática para um atendimento e acolhimento melhor a essa população.

As propostas podem ser realizadas em sua integralidade ou apenas parcialmente e, também, em conjunto com outras oficinas, não sendo necessário limitar-se somente a estas. A proposta é que este material incentive as discussões nele presentes e sirva de instrumento sensível aos profissionais, para disparar pistas e oferecer recursos para acompanhar a vertiginosa passagem pela adolescência.



## Limites da aplicabilidade

A coordenação dessas oficinas deve ser conduzida por pessoas que se sintem confortáveis em discutir as temáticas nelas presentes. Ter formação em Terapia Ocupacional e estudos sobre subjetividade contemporâneas, corporeidade e processos formativos podem contribuir para a coordenação dessa oficina, mas não são condições para sua realização. A proposição da oficina pode ser também uma oportunidade de se aproximar dessas teorias e campos de conhecimento. Falar sobre juventude e produção de subjetividade, sexualidade e gênero, corpo e Processo Formativo nem sempre são assuntos de domínio dos profissionais e/ou confortáveis para eles. É preciso ter sensibilidade e responsabilidade ao tratar dessas questões e estar disponível para o que pode emergir quando cada tema for trabalhado em sua singularidade, prezando pelo radical compromisso ético-estético-político ao lidar com as possíveis reverberações desta oficina.



## Abrangência

As oficinas que compõem esse produto técnico-social podem ser utilizadas no território nacional em diferentes localidades, podendo ser utilizadas por municípios e estados na educação continuada de seus funcionários e servidores, principalmente no campo da saúde, da assistência social, da educação, da arte e cultura, dos esportes, etc. É importante ressaltar que são oficinas que resultaram de uma pesquisa que escutou jovens de uma realidade periférica do município de São Paulo e talvez sejam necessárias adaptações a depender da localidade.



## Disponibilização

As oficinas que compõem este produto técnico-social estarão disponíveis na dissertação de mestrado “Cartografias do devir-adolescente: co-corpendo experimentações de memória e re-encontro”. Além de disponibilizado no site do Mestrado Profissional Terapia Ocupacional e Processos de Inclusão Social da FMUSP, por meio do endereço eletrônico do programa em <https://sites.usp.br/mestrado-profissional-terapiaocupacional/produtos-tecnicos-tecnologicos/>



## Referências Bibliográficas

**Butler J.** *Corpos que Importam: Os Limites Discursivos do 'Sexo'*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2020.

**Butler J.** *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2003.

**Campos T.** *O Lugar Imaginário da Inclusão Escolar*. Monografia de conclusão de curso. REATA-USP. São Paulo, 2009, 254p.

**David EC; Moraes CL; Silva JA; Silva VP.** Políticas do comum e enfrentamento do genocídio da juventude negra: a construção do “Projeto É Nós” no bairro da Brasilândia (São Paulo). In: Braga de Andrade C, Maciel MR, Carneiro C, Coutinho LGC, organizadores. *Anais do VI Simpósio Internacional sobre a Juventude Brasileira*; 2015 set 10-12; Rio de Janeiro, RJ. Rio de Janeiro: NIPIAC/IP/UFRJ; 2015. p. 640. ISBN 978-85-7108-408-7.

**Diesel A; Baldez ALS; Martins SN.** Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. *Revista Thema*. 2017; 14(1):268-88.

**Favre R.** Embodiment in Buenos Aires [Internet]. São Paulo: Laboratório do Processo Formativo; 2014 [cited 22 Sep 2024]. Available from: <https://laboratoriodoprocessoformativo.com/2014/03/embodiment-en-buenos-aires/>

**Favre R.** O corpo hoje e sempre [Internet]. São Paulo: Laboratório do Processo Formativo; 2024 [cited 22 Sep 2024]. Available from: <https://laboratoriodoprocessoformativo.com/2024/09/o-corpo-hoje-e-sempre/>

**Favre R.** *Praticando o Somagrama* [Internet]. São Paulo: Laboratório do Processo Formativo; 2023 [cited 22 Sep 2024]. Available from: <https://laboratoriodoprocessoformativo.com/2023/11/praticando-o-somagrama/>

**Foucault M.** *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

**Guattari F.** *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34; 1992. p. 19

**Liberman F.** *Danças em Terapia Ocupacional*. São Paulo: Summus; 1998.

**Lima EMFA; Canguçu DF; Moraes C; Inforsato EA.** PACTO adolescentes: arte e corpo na invenção de dispositivos em terapia ocupacional para produção de vida e saúde na adolescência. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v. 20, n. 3, p. 157-163, set./dez. 2009.

**Lima EMFA.** Uma perspectiva ético-estético-política para as atividades em terapia ocupacional. In: Silva, CS (org). Atividades Humanas e Terapia Ocupacional. São Paulo: Hucitec; 2019.

**Mantero V.** A desfazer-se. In: \_\_\_(Org.) Elipse Gazeta Improvável n. 01. Lisboa: Relógio D' água. 1998, p. 3-4.

**Mecca R; Liberman F.** Quadrinhos como linguagem para o processo formativo de corpos. Interface (Botucatu). 2024;28. doi: <https://doi.org/10.1590/interface.240047>. Available from: <https://doi.org/10.1590/interface.240047>.

**Murasaki AK.** Luto todo dia por ser quem eu sou: participação social e acesso a direitos de jovens mulheres trans [dissertation]. São Paulo: FM-USP; 2024. 162p.  
Preciado PB. “Lixo e Gênero, Mijar/Cagar, Masculino/Feminino”. Trad. de Davi Giordano e Helder Thiago Maia. eRevista Performatus, Inhumas, ano 7, n. 20, abr. 2019. ISSN: 2316-8102.

**Preciado PB.** Manifesto Contrassexual: Práticas Subversivas de Identidade Sexual. 1ª ed. Rio de Janeiro: n-1 edições; 2014.

**Rolnik S.** Pensamento, corpo e devir: Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. Cadernos de Subjetividade, v.1 n.2: 241-251. 1993.

